

AULA 02 - Papel de mae e o 'novo' pai

Afinal, qual é o papel do pai e o papel da mãe? Nós vamos falar agora aqui um pouquinho sobre a função paterna e a função materna. E é muito importante esclarecer que essa função paterna e materna, ela não precisa ser exercida necessariamente por um homem ou uma mulher. Com as novas configurações familiares, os casais homoafetivos, muitas famílias em que a mãe é solo, cria os seus filhos sozinha, ou mesmo alguns pais que também criam os filhos sem a presença da figura materna, não é necessário uma questão relacionada a gênero, mas sim ao papel que aquela pessoa, aquele cuidador, vai desempenhar na vida da criança. Quando um bebê nasce, naturalmente, o vínculo que se cria entre o bebê e a mãe é um vínculo muito forte de uma certa dependência emocional, que a gente chama de simbiótico. Nessa fase, de fato, há pouco espaço para o pai entrar na relação. O principal papel do homem nesse momento é criar um ambiente favorável, oferecer suporte para a parceira, para que ela essa experiência totalmente voltada para o bebê com tranquilidade.

A partir dos seis meses é que o pai começa a entrar nessa relação com o objetivo de flexibilizá-la, de mostrar para a criança que existe um mundo além daquele que a mãe e o bebê construíram até então. O papel da mãe está muito mais relacionado aos vínculos de afetividade, relacionamento, amorosidade, enquanto que o pai vem para desenvolver a autonomia da criança, mostrar para ela o mundo de oportunidades e possibilidades e de alguma forma prepará-la para isso. O papel do pai é estruturante na vida da criança, especialmente a partir dos três anos, trabalhar regras, limites, preparar essa criança para a vida, torná-la de alguma forma mais segura, já que a mãe está sempre muito mais voltada para esse acolhimento, proteção, o afeto e o amor.

Claro que o pai também tem vínculos de afetividade e amorosidade, mas a gente pode observar até pelas brincadeiras que os homens costumam fazer com os filhos, são brincadeiras que as mães às vezes ficam até um pouco inseguras, receosas, mas é justamente jogar o filho para a vida para que ele perceba que ele tem condições de lidar com aquilo, fortalecendo a autonomia e a autoconfiança da criança. Mas quando a gente fala no papel, na função paterna ou materna, é interessante observar que as mães, elas têm uma participação nos cuidados com as crianças vista como obrigatória. Já os pais parecem ter uma escolha em relação a participar ou não dos cuidados da criança. E isso nem sempre foi assim. Como eu já comentei com vocês na aula anterior, na nossa semana passada, do módulo anterior, essa ideia da paternidade, da maternidade, ela também é uma construção social. No final do século XVIII, quando a mulher passa a ter mais espaço e responsabilidades na maternidade, naturalmente, aos poucos, ela vai ofuscando o papel do pai. Então aquela figura de autoridade, a mãe passa a tomar um papel de liderança no ambiente familiar e com isso a figura do pai fica em segundo plano e a mãe passa a ser a prioridade em assumir essas responsabilidades. Com o desenvolvimento da sociedade, com a mulher ganhando cada vez mais espaço no mercado de trabalho, conquistando a independência, séculos depois, essa nova realidade, começa a surgir a figura de um novo pai.

A filósofa francesa Elisabeth Badinter traz no seu livro relatos da década de 70 de quando começa a surgir a figura de um novo pai. É um homem que vinha da classe média alta, que tinha um salário maior que a média das pessoas, geralmente um profissional liberal que conseguia manejar melhor o seu tempo, um homem que queria romper com essa cultura tradicional masculina e que queria ser para os seus filhos um pai diferente do que o pai deles tinha sido, de uma figura mais fria e distante. Era uma forma de ressignificar a própria experiência através da experiência da paternidade. Essa figura do novo homem, ela foi sendo construída na medida em que os valores da masculinidade também começam a ser questionados. E é inegável o quão difícil é para o homem essa transformação, porque não há como a gente falar no homem sem falar na força, na virilidade e especialmente nos comportamentos que o homem é cobrado a ter desde muito pequeno e ao que

ele também, o que a sociedade espera que ele comunique, que está relacionado a essas questões de força, em que há pouco espaço para expressar os aspectos emocionais e afetivos.

Muitas vezes o homem tem dificuldade para identificar e mais ainda para falar. Ele não é desenvolvido, a maioria dos homens, principalmente dessa época, ele não se desenvolvia em um ambiente em que havia espaço para aspectos emocionais. E quando um homem se torna pai, inevitavelmente surgem questões da própria história de vida dele, as quais ele se vê obrigado a olhar e muitas vezes ele não tem recursos para isso. Então é um grande desafio, a gente hoje tem sim a figura de um novo pai, em que o homem está muito mais aberto para essa experiência. Ele já entendeu que o papel de pai não é apenas ser um provedor. Antigamente, quando a gente fala de 30, 40 anos atrás, como funcionava o pai? Qual era a figura do pai? Era um homem que trabalhava, mantinha a sua casa, tinha essa figura de provedor muito bem estabelecida, passava o dia todo fora, chegava em casa, jantava com a sua família e ia dormir para o dia seguinte trabalhar.

No final de semana, a vez ou outra, levava o seu filho brincar no parquinho, andar de bicicleta e por aí. Só que o papel de pai tem uma riqueza tão grande a ser explorada, e que bom que a sociedade atual abriu espaço para isso, que hoje o homem se vê muito mais útil e funcional dentro da sua família assumindo esse papel de pai. Então o homem participa da gestação, muitas vezes ele quer estar presente no parto, ele quer filmar, ele quer interagir, ele quer saber o que está acontecendo com a sua parceira. Ele também participa da vida da criança, ele troca fraldas, ele ajuda a vestir, ele brinca, ele quer participar das conquistas, ele quer entender o que os filhos estão sentindo, estão vivendo, é uma forma também de desconstruir aquilo que ele teve provavelmente com o seu pai, uma relação mais fria, mais distante, e poder construir uma nova relação com os próprios filhos. É uma experiência que cada vez vem tendo mais espaço para o homem viver. O homem se sente autorizado a falar sobre isso, a viver essa experiência, e ainda que exista bastante preconceito e que em muitos momentos, dependendo do grupo social em que o homem está inserido, ele é cobrado para focar nesse aspecto de virilidade, força e não na afetividade, mas cada vez mais a gente vê o quanto isso é importante e relevante no desenvolvimento das crianças e também na realização do homem nesse papel de pai. Uma das principais formas do homem exercer o seu papel logo com a chegada do bebê é justamente proporcionar para a parceira, para a companheira, um espaço de acolhimento, sem julgamento, em que ele possa sim ser útil nessa relação e promover uma maior liberdade para a parceira, com mais segurança e mais tranquilidade para que ela possa de fato assumir o seu papel. E aos poucos o homem vai entrando nessa relação e toda a família ganha com isso, especialmente o bebê no seu desenvolvimento.